

## O PAPEL DA MULHER ENQUANTO ESCRITORA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS EM PROSA NO INÍCIO DO SÉCULO.\*

LUCIANA FONSECA MEDEIROS DE LEMOS  
(BOLSISTA DE IC, UFAL)

O mundo não lhe dizia como a eles:  
‘Escreva, se quiser; não faz nenhuma  
diferença para mim.’ O mundo dizia  
numa gargalhada: ‘Escrever? E o que  
há de bom em você escrever?’

Virginia Woolf

Em *Um Teto Todo Seu*, a escritora inglesa Virginia Woolf questiona quais seriam as causas do silêncio da voz feminina a partir de Shakespeare até a época em que viveu. No início do século XX, qual o espaço que teve a mulher para produzir seus textos a fim de ganhar, com eles, entre outras coisas, a sua independência financeira, a qual poderia contribuir para a formação de um espaço reconhecido, independente da figura masculina? E por que tanta insistência da sociedade em manter a mulher dependente do homem e desprovida do menor acesso que se pudesse ter ao conhecimento das coisas que se passavam no mundo?

E se algumas dessas mulheres furassem o bloqueio da ordem patriarcal e se fizessem ouvir? Antes de mais nada, não seria preciso ouvi-las, saber o que elas tinham a dizer, ao invés de julgá-las ‘feiticeiras’ ou ‘bruxas’, como disse Virginia Woolf?

Foi nesse sentido que este artigo foi desenvolvido.<sup>43</sup> A temática escolhida é a análise da evolução do espaço conquistado pelas mulheres

---

<sup>43</sup>Este artigo faz parte do acervo crítico do projeto “Literatura de Mulheres em Alagoas, Perspectivas Históricas e Produção Literária no Século XX”.

escritoras em Alagoas, a partir de textos publicados em jornais e periódicos do início deste século, compreendendo um período de trinta anos, de 1901 a 1931.

Ao longo de um ano de trabalho, pesquisei em quatro periódicos (*O Trocista*, *O Bacurau*, *ABC* e *Estado de Alagoas*). Descobri um total de 73 textos escritos por mulheres. Do total, selecionei oito textos em prosa poética intimista<sup>41</sup>, a fim de estudá-los a partir de uma temática comum. Esses textos são: "Divagando" (1901), de Etelvina Silva; "As Artistas" (1921), de Yolanda; "A Arte" (1901), de Amélia O. Luz; "Os Livros" (1921), de Júlia Lopes de Almeida; "O Livro" (1925), também de Júlia Lopes de Almeida; "Insônia" (1926), de Maria Rosa; (uma carta), (1931) - sem título de Mademoiselle A. M. e, por fim, um segundo texto, sem título, de Clarice. Os textos escolhidos revelam uma evolução na sua construção.

Partindo da análise feita, essa evolução mostra que o papel desempenhado pela mulher é, primeiro, o de *fonte de inspiração* para artistas. Em segundo lugar, seu papel passa a ser o de *criadora de arte*, apesar das dificuldades encontradas na produção de seus textos. Em terceiro, aparece *a mulher que, como criadora, consegue expressar plenamente seu desejo*, assumindo, assim, toda uma linguagem sedutora que transgride os códigos tradicionais do feminino.

---

coordenado pela professora Izabel F.O. Brandão do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e da Pós-Graduação em Letras da UFAL, e foi desenvolvido entre 1994-95, como parte das atividades programadas para os bolsistas. Além dele, escrevi outro, intitulado "Uma Análise da Prosa de Rosália Sandoval", que está servindo de base para minha dissertação. Todos os trabalhos foram orientados pela professora Izabel F. O. Brandão.

<sup>41</sup>Prosa poética intimista: é o gênero lírico e o seu referente (a realidade exterior e interior que o texto traz como assunto) e tem como característica fundamental a subjetividade. Personagens, tempo, enredo e descrição não existem. Quando ocorrem, são apenas "pretexto" para a confissão emocional do eu-lírico (Cf. Coutinho, Afrânio (1987), Faraco e Moura (1990) e Samuel, Rogel e Outros (1985)).

A evolução da produção literária das mulheres no Estado mostra que as autoras tentavam planear, em sua escritura, uma forma de serem ouvidas, um espaço perante o público leitor, a expressão de seu desejo em mostrar ao mundo, a busca e o gosto pelo conhecimento, reconhecendo, na arte, uma forma compatível com o seu sonho, ainda que fossem do sexo feminino.

As mulheres alagoanas do início deste século, mesmo não possuindo um espaço reconhecido como escritoras, conseguiram romper barreiras, apesar das proibições, preconceitos, restrições e repressões.

\* \* \*

Como contar a história de sete autoras que tentaram, na primeira metade deste século, colocar em sua escritura, seus pensamentos, desejos e repressões, diante da impossibilidade de simplesmente se expressar; expressar uma liberdade por tanto tempo almejada e que só poderia ser alcançada através da transmissão de uma linguagem artística?

Produzir arte é conferir imortalidade aos mortais, pois só através dela é que o artista se projeta no futuro. Sua fonte de inspiração importa tanto quanto a criação que revela os traços significantes de uma época; que revela a beleza, os conflitos, a poesia e a angústia destes momentos para as futuras gerações. E a mulher sempre foi parte deste processo. Ela, a musa inspiradora, a fonte da criação.

É desta forma que a autora *Etelvina Silva* inicia sua prosa poética intimista no texto "Divagando" (O Trocista, 1º de setembro de 1901), onde exalta a beleza de sua amiga Amália, afirmando ser esta a grande fonte de inspiração dos artistas:

(Tu, que tens nos olhos o scentilhar de estrella Vesper nas breves madeiras [sic] a cor do manto das Trevas, no gracil corpo o osculo do pincel de Leonardo de Vinci, estás a chorar?...

Acima, a autora revela que a beleza jamais deve se macular com a tristeza. Amália é comparada às flores, à inocência, à irmã dos anjos

e querubins, assim como o prazer que esta deve ter na esperança de se tornar a inspiração do poeta. Etelvina diz:

(Oh! amiguinha, enxuga, enxuga, enxuga estas lágrimas!!

(A virgem não deve ser triste!!

(Ella que é o aroma das flores sorriso do céu, o amplexo do amor, o sonho da inocência, o prazer da Esperança a inspiração do poeta, a irmã dos anjos e cherubins?!

Esse texto de Etelvina Silva reproduz a concepção da mulher idealizada, segundo a ótica de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. De Beauvoir apresenta uma visão mítica da mulher em que esta aparece não como entidade (ser existente), e sim como “Eterno Feminino”, ou seja, a mulher sempre idealizada. E mostra que, com isso, ela se adapta aos padrões de feminilidade, de acordo com os valores adotados pela sociedade em cada época. Estes padrões são: sua maneira de se conduzir, de ser, de se vestir, incluindo, também, sua posição profissional, dedicação e submissão ao homem.

Já no segundo texto analisado, “As Artistas” (*Estado das Alagoas, 17 de novembro de 1921*), uma autora apenas identificada como “Yolanda” apresenta como a mulher aparece em outros séculos: ela é mais inspiradora do que artista. Yolanda relaciona a literatura, a música e a pintura como sendo as artes mais cultivadas pelas mulheres. A escultura e a arquitetura não são, para ela, cultivadas por serem consideradas artes “criadoras” e não, “emotivas”:

Hoje em dia, quase se pode dizer o contrario. Todas as artes não são igualmente cultivadas pela mulher. Ao passo que a literatura, a musica e a pintura conta entre ellas muitos adeptos, a escultura pouco as fascina e attrae. Quanto à Architectura, não é esta uma arte que se consagram as mulheres.

Neste contexto, percebe-se um traço crítico da autora, próprio da época, ao caracterizar aspectos da arte propícios à mulher, sempre relacionados às sensações, emoção e intuição, atributos mais comumente associados ao sexo feminino. Yolanda reproduz a ideologia

patriarcal ao afirmar que a mulher é, também, temperamental, e vive de acordo com suas fantasias poéticas e seus pensamentos "vagos e indeterminados", condizentes com sua própria "natureza":

A mulher é assim, pelo seu temperamento, mais de acordo com as artes que condizem com sua própria natureza, aquela em que se sinta melhor e onde a sua fantasia poética e seus pensamentos, vagos e indeterminados, possam mais facilmente se exercer e desenvolver-se.

Para esta autora, a mulher pode chegar ao ápice da realização pessoal ao se descobrir artista, realizar suas fantasias poéticas e, com elas, elevar-se. Ainda que esta arte fosse caracterizada como "menos criadora", por não utilizar recursos intelectuais (próprios ao sexo masculino) nestas produções, a escritura feminina sobrevive, desta forma, a uma tendência "mais emotiva", até então permitida, por revelar características latentes deste comportamento

Yolanda apresenta duas idéias interessantes a serem ponderadas: primeiro, ela mostra que a mulher não é apenas fonte de inspiração e, segundo, que esta deve produzir arte, ainda que esta produção esteja inserida num processo evolutivo, diletante, de criação.

Ao criar, a mulher não buscava apenas falar de maneira poética aquilo que mais sentia, nem esperava encontrar apenas elogios pelo seu trabalho; mais que isso, ela esperava encontrar-se. Buscava (des)cobrir-se de um mundo que a cobria. Como criar algo novo, fora do padrão acadêmico "natural", "tradicional" e masculino, inspirado na sua própria voz, se não possuía sequer liberdade de expressão ou recursos teóricos, como ensina Virginia Woolf em *Um Teto Todo Seu*, que lhe permitissem extravasar sua arte e, assim, produzir textos que não fossem ligados senão ao seu dia-a-dia?

Elódia Xavier, em *Tudo no Feminino*, ao confrontar aspectos das narrativas produzidas por mulheres no início do século com obras contemporâneas de autoria feminina, seleciona obras de Júlia Lopes de Almeida, como representante do início do século, obras de Lya Luft, como paradigma contemporâneo, e de Clarice Lispector, como

representante de um período de transição. Ela conclui que as temáticas femininas estão sempre relacionadas à condição sócio-cultural da mulher. Os temas geralmente são: a relação entre a natureza e a mulher; a vida doméstica; valor atribuído à maternidade; busca da identidade perdida, e, de acordo com estas temáticas, a autora tenta encaixar etapas distintas da narrativa de autoria feminina em função da evolução dos valores sociais impostos à mulher. Segundo Xavier, os temas desenvolvidos pelas autoras eram, simplesmente, coisas do cotidiano. Eram a única forma encontrada por elas de serem ouvidas (e lidas) pelo público leitor.

Em “A Arte” (O Trocista, 31 de março de 1901), Amélia de O. Luz apresenta seu texto em forma de salmo e se refere à ‘Arte’ como busca do ‘Ideal’: “Era tarde, Minh’alma alava-se em busca do Ideal”. Ela expressa, através da escrita, toda a satisfação de poder sentir a natureza, recurso estilístico bucólico inspirador, para produzir arte: “Aves alegres esvoaçavam ligeiras desferindo o psalmo do eterno Amor. Musgos rasteiros ornamentavam a relva”. Arte, para ela, parecia ter um cunho religioso, devido à escolha da forma de salmo.

É através desta busca que a mulher aspira a um mundo mais idealizado, melhor do que aquele em que vive, onde encontre uma verdade que possibilite uma crença expressa por si mesma ao se descobrir artista. E com este desejo, a autora desperta para um mundo intelectual do qual anseia fazer parte ativamente, vivenciando a ação transformadora que esta arte produz.

Quantas vezes e quantas mulheres tentaram entrar no mundo do conhecimento em busca de algo que revelasse a sua verdadeira situação diante das coisas que aconteciam nesse mundo? E onde sempre elas se encontravam enquadradas num sistema fechado, sem possibilidade de descobertas e se conformavam por deverem, simplesmente, apreciar a vida, sem contudo questioná-la? E o que aconteceria ao se descobrirem, quando percebessem que aquilo que lhes foi ensinado e exigido

ocultava a realidade que estava à sua volta? Certamente se decepcionariam.

É o que pretende Júlia Lopes de Almeida em "Os Livros" (Estado das Alagoas, 23 de setembro de 1921) ao falar sobre a proibição à leitura usada pelos pais como um critério repressor da liberdade de suas filhas. Esses pais afirmavam "*que os livros eram os piores inimigos da alma*". Assim, conscientes de que seus conselhos eram melhores, não ensinavam suas filhas a ler. "*Curvam-se submissas a essa ordem cospótica. Mas a curiosidade excitada pela proibição?*" Assim fala Júlia Lopes ao afirmar ser este um poder coercitivo dos pais imposto a suas filhas, o que bem leva a uma submissão indesejada e que passa a transferir toda a sua curiosidade exagerada pelo que lhe é proibido, enfrentando, desta forma, o patriarca diante do conhecimento.

Uma característica importante encontrada neste texto é de ele ser bastante crítico à impossibilidade de a mulher saber ler e poder escrever. Da mesma forma escreve Virginia Woolf, ao criar a história da irmã de Shakespeare, alguém que também era dotada do mesmo talento do irmão. A diferença é que Judith, a irmã, teria um fim diferente, sem louros:

... é que qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter a certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua veia poética teria sido tão obstruída e contrariada pelos outros, tão torturada e dilacerada por seus próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental. (p. 65)

Pergunto, na lógica do raciocínio de Júlia Lopes de Almeida: como poderá haver uma literatura produzida por mulheres, se a elas é negado o direito de aprender e poder ler? A pergunta continua: saber ler

era, realmente, a “única” coisa que lhes era proibido? Segundo Virginia Woolf, assim pensa o mundo sobre a mulher:

O mundo não lhe dizia como a eles: “Escreva, se quiser; não faz nenhuma diferença para mim.” O mundo dizia numa gargalhada: “Escrever? E o que há de bom em você escrever?” (p. 69)

E se o mundo pensa(va) assim, como poderá a mulher questionar a importância de seus escritos, se o sistema social em que ela convivia não se importava com o seu pensamento? É, também, se importando com o que a mulher pensa que Júlia Lopes de Almeida, em outro artigo, intitulado “O Livro” (Correio da Pedra, 12 de abril de 1925), fala da importância dos livros, onde ela afirma serem estes a fonte inesgotável do “*possível conhecimento*”, como também trata o livro como sendo o único amigo onde se pode “*pedir amparo numa hora de desalento, e conselho, num momento de dívida*”. Ela registra:

O livro é um amigo; nelle temos exemplos e conselhos, nelle um espelho onde tanto as nossas virtudes como os nossos erros se refletem. Repudia-o será loucura, escolhel-o é sensato.

Nele, Júlia busca seus momentos de reflexão e mostra que tinha, na leitura, um ponto de referência, habilitava-se a aprender, conservar e instruir; tornando-se “*apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhes superioridade e largueza de vistas*”. Com isto, a autora apresenta uma nova visão do feminino através da imagem da mulher instruída, dizendo-lhe como seu “*possível conhecimento*” serviria para “*compreender com mais lucidez e alegria os seus deveres de esposa e os seus deveres de mãe*”. Ao longo desta frase, percebe-se que a autora, para poder inserir a mulher no mundo cultural, não rejeita seu ‘destino de mulher’. Ela ‘melhora’ esse ‘destino’ ao sugerir que a instrução fará da mulher uma ‘melhor’ esposa, cumpridora de seus deveres, além de abrir caminho para uma realização interior. Assim, a importância desse texto, publicado em 1925, está no incentivo que Júlia

Lopes de Almeida dá às mulheres, no sentido de elas procurarem ler, pois, assim, poderiam encontrar uma forma de poderem se expressar através da educação dos filhos e da sua própria, burlando o domínio do conhecimento mantido pelo (seu) homem (pai, marido).

E é através da escrita que Maria Rosa, em "Insomnia" (Correio da Pedra, em Janeiro de 1926), tenta expressar toda a sua dificuldade ao redigir seu texto. Esta impossibilidade da escrita aparece como tema e como momento de expressão ao debruçar-se diante do lápis e papel, e da vontade demasiada ao reproduzir o momento. Da mesma forma que foi dito por Júlia Lopes de Almeida em "Os Livros", Maria Rosa também utiliza a noite como momento propício à leitura, conciliando-a, agora, com a escritura. A escrita noturna é absolutamente acolhida pelas "mil idéias" que se encontram em desordem, confusas, mas que fazem pensar. No momento da criação, Maria Rosa revela ser inútil escrever qualquer coisa, visto que não se sente capaz de produzir (ao menos) um só período:

Levanto-me e tirando da gaveta um lápis e um pedaço de papel, procuro escrever qualquer coisa. Mas ... é de balde! Não consigo absolutamente escrever um só período: mil idéias desconstruídas tumultuam em minha mente e todo o meu esforço resulta inútil.

A dificuldade de Maria Rosa reflete o que dizia Woolf: "Talvez a primeira coisa que ela iria descobrir, ao pousar a pena no papel, é que não havia nenhuma frase em comum pronta para ser usada por ela" (p. 100). Esta afirmação precede uma frase corrente na época, destinada ao homem, porém inadequada para o emprego por uma mulher:

A grandeza de suas obras era para eles uma razão para não estancarem, mas para prosseguirem. Não poderia ter maior excitação ou satisfação que no exercício de sua arte e em gerações intermináveis de verdade e beleza. O sucesso induz ao exercício, e o hábito facilita o sucesso. (p. 101)

Maria Rosa, na esteira da autora inglesa, é crítica consigo mesma por considerar que tem “menos talento”. Apesar disso, ela consegue, ao tentar escrever, dizer infinitamente mais que as outras autoras analisadas, ao revelar a emoção em produzir arte, ao invés de apresentar as dificuldades envolvidas neste processo e as circunstâncias sempre podadas para superá-las. Woolf também tem algo a dizer sobre a forma e o conteúdo do que se escreve: as frases não nascem do nada, nascem da necessidade de escrever a partir de suas próprias aplicações:

Elas escreveram como as mulheres escrevem, e não como os homens. Dentre todos os milhares de mulheres que escreveram romances na época, somente elas ignoraram por completo as admoestações perpétuas do eterno pedagogo - escreva isto, pense aquilo. (p. 98)

Isto quer dizer que a forma e o conteúdo independem de regras, uma vez que a prosa poética intimista, dentro do gênero lírico é essencialmente emocional. As emoções podem ser despertadas pelo simples contato com cenas de beleza, experiências, ou ainda um sentimento forte da busca ou negação da felicidade.

Voltando ao texto “Insomnia”, Maria Rosa expõe todo o sentimento de angústia frente à realidade de não ‘saber’ escrever. De maneira lírica, a autora busca, sem saber, a essência da sua inspiração associada à livre imaginação expressa por si mesma, e não percebe que, ao longo deste texto, com toda a sua ânsia e angústia projetadas nele, ela esboça suas idéias através, também, do seu desejo, medo e reflexão às causas de tanta dificuldade, e se pergunta: “*Porque não me deu a sorte os meios necessários para me instruir e esclarecer a minha inteligência?*” Daí, cabe a nós questionarmos a verdadeira causa de as mulheres escritoras “não saberem” se expressar literariamente. Seria, realmente, a falta de “inteligência” que todas parecem ter ou a falta de instrução, estímulo ou recurso adequado à sua formação ideológica calcada em sua realidade vivida? Não seriam, tais desejos, apenas um começo do processo evolutivo dessa formação? A proibição do conhecimento à mulher, do acesso à escola, é quase tão

antigo como os tempos. A ordem patriarcal assim o quis. Mas, com tudo isso, algumas furaram o bloqueio e, como Maria Rosa, expressaram, na própria dificuldade, a resposta da angústia, da vontade de saber.

É nesse processo da formação da escritura que a autora denominada 'Mademoiselle A.M.', tenta expressar, de maneira informal, seus desejos em uma carta anônima publicada no jornal "A Notícia", em 17 de fevereiro de 1931, chegando até a confundir o gênero lírico com o ensaístico.<sup>45</sup>

Nesta carta, a autora utiliza, como fonte de inspiração, um homem. Um homem não muito comum, não muito bonito, porém almejado por todas numa época de desvario e desnudamento de seus desejos: esta época é o carnaval e o seu objeto inspirador é o Rei Momo. Assim inicia Mademoiselle A.M.:

Viva a folia  
Viva a pyramidal agia carnavalescal  
Os corações estão latindo, como dirá  
o nosso prezado Gregorio Fontan, na sua bela língua...

Ao longo da carta, a autora utiliza vocabulário burlesco, num contexto de época propícia que é o carnaval: "Tu és o Frevo! És o

---

<sup>45</sup> Segundo a crítica literária Maria Lúcia Aragão em *Manual de Teoria Literária*, o estilo lírico foi desenvolvendo novas formas, absorvendo mudanças com o decorrer dos tempos.

*A lirica moderna se caracteriza por uma grande liberdade formal, e para entendermos em toda a sua profundidade o fenômeno lírico, como um todo, é necessário que aprendamos a essência do estilo, as suas marcas e a pluralidade de suas manifestações. Não mais podemos entender o estilo lírico dentro de uma chave formal.* (p. 74)

Já no Gênero ensaístico, o estilo utilizado é o próprio ensaio informal, uma vez que este exprime um tom íntimo, coloquial e de forma curta, direta, individual, interpretativa, uma reação franca e humana de uma personalidade ante o impacto da realidade; e, com isso, permite maior liberdade de expressão no assunto referido.

*imperador do riso. É's o prazer...*" (Na forma lírica antiga, os poemas eram contados em ocasiões principais, como nas festas da cidade, e onde os heróis nacionais eram homenageados).

Embora a autora afirme ser este o "*Amor que entonteia, que engano, que illude, que mata e que perdoa*", ela revela consciência de que ele não passa de um sonho carnavalesco, apresentando-o como tema, apenas, para motivar seu poema: "*É's o sonho... Tu só não és a Realidade que é o fim do Poema! A frieza do consolo! O desafogo da satisfação!*" Sendo assim, a autora se utiliza do mais árduo desejo sensual para produzir seu texto: "*Tu es o anseio, tu es o desejo ardente, suspirando no heroísmo louco da folia...*". No lirismo deste contexto, a personagem aparece como mero protesto para vivificar a voz que fala no poema, ou seja, o eu-lírico. E se compararmos a importância da personagem no gênero ensaístico, na carta literária (estilo utilizado na Idade Média e no Renascimento, servindo a carta, em geral, como um instrumento oficial de comunicação), a personagem referida é, usualmente, imaginária, tratando-se de assuntos de interesse geral onde o autor encobre-se sob uma máscara determinada pelo anonimato ou pseudônimos.

Ao se inspirar em Sua Majestade, O Rei Momo, Mademoiselle A.M. busca, através de uma linguagem própria, sedutora, artifícios para conjugar o momento da criação em função do seu inspirador, como forma de ater, do poder majestoso, um pouco de sua atenção; e promete, com isso, uma aventura deliciosa e eternamente indefinida de emoções.

Busquemos esta ventura, conjuguemos as nossas ancias, e entre os compassos binários do tango... gozemos na loucura esfuziante do carná a nossa juventude crepitante de desejos...

Sonhemos a ventura do Amor...

A vida por mais longa é um momento na eternidade indefinida do Tempo... aproveitemos o hydromel de todas as macias e suavíssimas emoções...

Por fim, a escritora nega ser esta carta uma declaração ao Rei Momo, porém revela ter encontrado nele seu argumento para poder escrever e publicá-lo como forma de comunicar a expressão do seu prazer. *“Sejamos amiguinhos... mas eu estou nesta exaltação tremenda apenas escrevendo o poema de fogo, de volúpia... que é a vida... em plena mocidade.”*

Como se não bastasse, a autora, insinuosamente, enfatiza poder revelar sua pessoa, porém de forma enigmática e impossível de ser decifrada:

Tu, no entanto, queres saber quem eu sou...

E eu direi na mais funda e enigmática synthese que não decifrarás jamais.

- Sou mulher!

- E tu, eu bem sei, és o homem que perpetua o pecado.

Quem sabe não ser esta a resposta ao enigma do ser e tornar-se anônima: ser mulher? A autora ainda utiliza sua libido para seduzir, envolver, numa linguagem atrativa de desejos, cativando e encantando o leitor de forma metafórica. Pode-se dizer que esta é uma das artimanhas utilizadas pela autora para comprometer o leitor e ocultar-se, fundamentadas em se rebelar contra os padrões acadêmicos e sociais dos séculos XIX e XX. É a isto que se refere Zahidê L. Muzart, ao fazer estudo em paratextos (prefácios, notas introdutórias, preâmbulos) de escritoras do século XIX no Brasil. A partir daí, Muzart mostra características fortes e extremistas de manifestações pacíficas nas entrelinhas de autoria feminina, motivadas por não terem acesso à leitura, por uma não liberdade de expressão e por uma intolerância, por parte dos leitores, ao verem seus textos. Sendo assim, a mulher escritora busca, através do uso de metáforas, uma meta-linguagem como forma de driblar a crítica e a sociedade, podendo, assim, até de forma mais ‘romântica’ e ‘humilde’, ingressar no mundo literário.

O último artigo a ser analisado é da autora Clarice, não tem título, e foi encontrado no jornal **Estado das Alagoas**, em 3 de julho de

1921. Neste texto, a autora também utiliza o ser humano como fonte de sua inspiração. A mulher cabocla é sua fonte, e o seu desejo é o de tornar-se a mesma. Nesta elegia, Clarice, ao falar da cabocla sertaneja, aproveita-se de sua fonte perene de inspiração e revela um fascínio demasiado por sua beleza, e, ao transferi-los (fascínio e beleza) para o texto, imortaliza-se. Num processo evolutivo e lapidante do seu desejo, Clarice deslumbra-se e enfeitiça-se, tornando-se escrava de seus próprios anseios.

A cabocla sertaneja, no esplendor de suas carnes palpitantes, enfeitiça os olhos de quem a vê, garrida e enfeitiçada, seduzindo com a graça brejeira do seu falar e a timidez encantadora das suas intimidades.

Ao revelar seus encantos, a autora confessa tornar-se sensível aos pensamentos ignorados de seu interior, passando-os para o texto de uma forma descompromissada na relação criador/obra; assim evoca seu texto:

Hoje, amanheci nestas ignoradas bellezas do nosso interior  
e, confesso que tive desejos de despir-me das minhas sêdas  
e das minhas joias para presentar a uma dessas lindas  
Vênus morena dos nossos sertões!

Uma vez que haja uma característica forte e latente de expressão e pelo seu objeto desejado, não implica haver uma relação comprometedora entre criador/obra.

Assim diz Lúcia Aragão:

O eu lírico não deve ser confundido com o eu biográfico, porque este está comprometido com fatos, com o mundo, com a lógica, com a compreensão de si mesmo, enquanto aquele não se descreve porque não se compreende, não toma posição, apenas se deixa levar pela corrente da existência. Ser levado pela corrente da existência é não oferecer resistência ao que se passa fora de nós. É se deixar penetrar pelo mistério da vida. É abolir as distâncias temporais e espaciais para recordar os fatos em sua

plenitude. Recordar, que significa etimologicamente sentir de novo no coração. é o termo mais adequado para expressar a falta de distância entre sujeito e objeto para expressar “um-no-outro- lírico”.

Da mesma forma que aparece no primeiro texto, “Divagando”, de Etelvina Silva, aqui a mulher é tida como fonte de inspiração, só que, desta vez, não é apenas inspiradora, mas sim, criadora. E a partir de seu momento de criação ela quebra barreiras, bloqueios e preconceitos, porque é assim que se faz arte. Percebe-se, também, nesta evolução, o distanciamento de seus impulsos pelos objetos desejados, que é como acontece nos dois últimos textos, e o que não acontece com os anteriormente citados, porque estes não se davam de forma imaginária, mas vivida. Aqui, retorno a Virginia Woolf.

De fato, uma vez que a liberdade e plenitude de expressão são da essência da arte, essa falta de tradição, essa escassez e inadequação dos instrumentos devem ter afetado enormemente os escritos das mulheres. (p. 101)

Agora sim, esta transgressão da autora ao texto não mais silencia, ao contrário, grita em busca da liberdade alcançada e não mais a quer calar. É o que sente Virginia Woolf ao ser mandada por um Bedel, em Cambridge, a sair do gramado (‘paraíso’) por estar perto de uma biblioteca:

Ah, mas eles não podem comprar a literatura também! A literatura é franqueada a todos. Recuso-me permitir que você, por mais Bedel que seja, me mande sair do gramado. Tranque suas bibliotecas, se quiser, mas não há portão, nem fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade de minha mente. (p. 99)

Assim, ao se fazerem ouvir, nascerá espaço, haverá literatura: “ *Talvez a mulher esteja começando a usar a literatura como uma arte, não como um método de expressão pessoal*” - pensa Woolf. Este é o fim do começo, se é que posso assim dizer, da história literária feminina em Alagoas no início desse século.

Ao analisar oito artigos de autoras, em sua maioria desconhecidas, procurei desvendar, num processo evolutivo dos mesmos, questões que me faziam querer entender o porquê de seu anonimato, o porquê dos temas e o que mais as afetava, além das dificuldades encontradas ao escreverem seus textos. Certamente, e sem pensar muito, o sistema sócio-cultural no qual elas viveram foi o responsável. Foi preciso, pois, enfrentá-lo para conquistá-lo. Nada mais que isto. Mas como enfrentar e de que modo, se tudo é tão passageiro? A única forma possível e imaginária transmitida ao texto e que estaria ao alcance de todas, seria através de algo que pudesse se perpetuar e servindo como exemplo transformador para as gerações posteriores. Este algo possível seria através da arte. Como disse no começo, a arte tem o poder de transformar os mortais em imortais: só assim poderia, um dia, ser ouvida a sua voz.

É ao resgatar um texto do passado, de hoje e de amanhã, que se fará a nossa história literária.

Foi de maneira ousada e com coragem que estas autoras se expuseram ao público leitor. E, num processo evolutivo de suas escrituras e da época, a mulher, através delas, conquistou seu espaço, ainda que pequenino. O que lamenta Woolf é não ter tido espaço "aquela irmã de Shakespeare", silenciada e/ou substituída por uma falsa voz.

Pois bem, minha crença é que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e que foi enterrada numa encruilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir. Mas ela vive; pois os grandes poetas nunca morrem, são presenças contínuas, precisam apenas da oportunidade de andarem entre nós em carne e osso. (p. 148)

Aqui encerro esse primeiro trabalho, embrião de análise de vozes femininas esquecidas e quase destruídas pelo tempo (e pelo descuido com a cultura) em Alagoas. As outras irmãs de Shakespeare ainda aguardam serem ouvidas

## ANEXO

**Jornal oTrocista**  
**Maceió, n.º 18, 1 de**  
**setembro de 1901**

**Artigo: Divagando...**

**Autora: Etelvina Silva**

Anália, idolatrada amiguinha, não sejas triste, não macules tuas roseas e encantadoras faces com estas pungentes lagrimas?!

Tu, que tens nos olhos o scentillar de estrella Vesper: nas breves madeiras a cor do manto das trevas, no gracil corpo o osculo do pineel de Leonardo de Vinci, estão a chorar? ...

Oh! amiguinha, enxuga, enxuga estas lagrimas!!

A virgem não deve ser triste!!

Ella que é o aroma das flores sorriso do céu, o amplexo do amor, o sonho da innocencia, o prazer da Esperança a inspiração do poeta, a irmã dos anjos e cherubins?!

Oh!... alegra-te!

Não vês, como as linhas Philomadas chilreiam na vasta amplidão, saudando as bellezas de Maio. As risonhas borboletas brincam sobre as corollas dos candidos jasmíns a

verde primavera entreabre-nos um doce sorriso?

Diz-me amiguinha, a razão do teu chorar? ...

Não és ainda tão jovem?  
... Tão linda, tão encantadora?  
... Não! ...

Tuas lagrimas me contristam á affligem toda a natureza! ...

Anália, a infeliz criança, que achava-se com o templo do coração osculado pelo Deus do Amor e pelas enormes chagas de sofrimento, abraçava Lila, que estava consolando-a e dizia-lhe entre soluços:

Ah! minha cara e boa amiguinha, amar!! ... amar sem ser nada é sentir o resabio do osculo da tyránna pareca na infeliz existencia

Lila sorrindo, beijava-lhe nas macilentas faces e dizia-lhe:

Ah! ... era esta a causa de tuas lagrimas?!

Consola-te, amiguinha! Fica sciente, que esta palavra chamada amor, é semelhante as nuvens, que perpassam ligeiramente pelas vastas regiões do ignoto impellidas pelo vento sul.

Enxuga! ...enxuga estas  
saudosas lagrimas! ... Sim | ...  
existe | ...exeite o puro amor|  
...O amor maternal | ...

Não é assim, boa ami-  
guinha?<sup>(</sup>

\*\*\*

**Jornal "O Trocista"**<sup>(</sup>  
**Maceió, nº 18, 31 de**  
**março de 1901**

**Artigo: "A Arte"**

**Autora: Amélia de O.**

**Luz**

Era tarde. Minh`alma  
alava-se em busca do Ideal!

Aves alegres esvoaçava-  
vam ligeiras desferindo o  
psalmo do eterno Amor.

Musgos rasteiros orna-  
mentavam a relva.

Longe do mundo, longe  
do borborinho enganoso, pai-  
rou minh`alma extasiada.

Ahi, contrieta, jubilesa o  
grata, longe dos faustos  
ephmeros da geração que se  
despedaça e morre no sorrir da  
vida, longe de tudo, eu vi o  
vulto da divina Arte, circun-  
dado de luz e flores em cami-  
nho à Glorias.

E desde então eu adoro a  
Arte.

\*\*\*

**Jornal Estado das**  
**Alagoas**<sup>(</sup>

**Quinta-feira, 17 de**  
**novembro de 1921**

**Título: "As Artistas"**

**Autora: Yolanda**

Nos outros seculos, a  
mulher era mais inspiradora  
que artistas. As que praticava e  
exercia a arte era a exceção.

Hoje em dia, quasi se  
pode dizer o contrario. Todas  
as artes não são igualmente  
cultivados pela mulher. Ao  
passo que a literatura, a mu-  
sica e a pintura conta entre  
ellas muitos adeptos, a es-  
culptura pouco as fascina e  
atrae.

Quanto á Architectura,  
não é esta uma arte que se  
consagram as mulheres.

A mulher é assim, pelo  
seu temperamento, mais de  
acordo com as artes que con-  
dizem com a sua propria natu-  
reza, aquella em que se sinta  
melhor e onde a sua fantasia  
poetica e os seus pensamentos,  
vagos, e indeterminados, pos-  
sam mais facilmente se exer-  
cer e desenvolver-se.

Ao contrario, as artes  
creadoras não a seduzem e  
poucos espiritos femininos,  
conseguem, por isso mesmo,  
nesse dilactantismo, de emo-  
ções sem nenhuma socação

para os santos creadores das personalidades elevar-se um pouco a cima de mediocridade...

\*\*\*

**Jornal Estado de Alagoas**

**Sexta-feira, 23 de setembro de 1921**

**Ensaio: "Os Livros"**

**Autora: Julia Lopes de Almeida<sup>(</sup>**

Os paes antigos proibiam a leitura as filhas, afirmando que os livros eram aos peiores inimigos da alma.

Para livrarem então as pobres innocentes de, por qualquer causalidade, estarem um dia em contacto com tão perigosos conselheiros, faziam uma coisa que la consigo julgavam muito acertada - não as ensinavam ler.

Era, evidentemente, o meio mais coxercitivo.

Hoje em dia o não saber ler é, felizmente, considerado uma vergonha, e não há uma pessoa que propositalmente condemne os filhos a tamanha desgraça: agora o que ainda ha são chefes de familia que abominam os livros, ordenando às filhas que não toquem nunca em semelhantes coisa.

E que fazem ellas?

Curvam-se submissas a essa ordem cospotica<sup>a</sup>. Mas a curiosidade excitada pela prohibição? Mas o desejo agucado pela curiosidade?

Isso, com que elles contam, é que é um elemento de corrupção. As filhas começam a mentir-lhes, lendo-ás occultas no seu quarto de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso, tão necessario á saude: nervosas, allegando, uma doença qualquer, como desculpa dos olhos pisados e do cabelo em desalinho: isentam-se á mesa sem appetite, com um modo pasmado, a alma suja pelas novellas prejudiciaes, insalubres, recheiadas de aventuras romanticas e de heróes perigosos.

\*\*\*

**Jornal Correio da Pedra**

**12 de abril de 1925<sup>(</sup>**

**Artigo: O Livro (Ensaio)**

**Autora: Julia Lopes de Almeida**

O livro é um amigo: nelle temos exemplos e conselhos, nele um espelho onde tanto as nossas virtudes como os nossos erros se refletem.

Repudial-o seria loucura;  
escolhel-o é sensato.

A estante de uma mulher de espirito e de coração, isto é, de uma mulher. Habilitada a aprender e conservar o que ler; que souber que isso a instrue, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e larguesa de vistas; a estante de uma mulher inteligente e cuidada, que ama os livros, não como um mero adorno de gabinete, mas como a uns mestres sempre consoladores e sempre justos, essa estante é uma altar onde o seu pensamento val, cheio de fô, pedir amparo, numa hora de desalento, e conselho, num momento de dúvida.

E o doce Michelet, o santo Michelet, virá iluminar a sua idéia escura, elle lhe dirá: "La femme est un Outel; la femme est une école;" e mostrar-lhe-á como e porque é uma escola. Depois dessa exposição, ella ha de comprehender com maior lucidez e alegria os seus deveres de esposa e os seus deveres de mãe

\*\*\*

## Correio da Pedra

Janeiro de 1926

Artigo: **Insonnia**

Autora: **Maria Rosa**

Noite alta e morna. Não posso conciliar o sonno do silencio do mei quarto pobremente arranjado, ouço distintamente o tic-tac do relógio na casa vizinha.

Levanto-me e tirando da gaveta um lapis e um pedaço de papel, procuro escrever qualquer cousa. Mas... é de balde! Não consigo absolutamente escrever um só periodo: mil idéas desencontradas tumultuam em minha mente e todo o meu esforço resulta inutil. O relógio bate compassadamente doze badaladas. Caia noite!... Fitando fixamente a luz avermelhada do condieiro o Kerozene que derrama pelo aposento uma claridade confusa, quedo-me a pensar...

E a luz clara da madrugada entrando pelas frestas do telhado, surpre-ende-me na mesma posição; com um lapis entre os dedos e esta interrogação dolorosa no espirito:

Porque não me deu a sorte os meios necessarios para instruir e esclarecer a minha intelligencia?!

\*\*\*

**Jornal Estado das  
Alagoas**<sup>(</sup>

**Domingo, 3 de julho de  
1921**

**Artigo: Sem título**

**Autora: Clarice**

A cabocla sertaneja, no esplendor de suas carnes palpitantes, enfeitiça os olhos de quem a vê, garrida e enfeitada, seduzindo com a graça brejeira do seu falar e a timidez encantadora das suas intimidades.

Foi um flagrante de sua beleza animada, que catullo apanhou nerstes seus versos profundos:

Quando um momento aparava,

Dêxando o suò moreno, como os pingos do sereno, prá todo o corpo corrê, a sala ficava cheiadesse ôrôma que se sente, do chêro da terra quente, quando cumeça a chuvê.

A cabocla aqui foi vista num samba, de fitinha ao alto da cabeça e toda faceira para o seu amor.

Aquelle pingos de "suò moreno": a escorrerem pelo corpo voluptuoso, tendo o cheiro da terra quente, quando começa a chover, encerram uma imagem soberba, que dá, como nenhuma outra, a idéia de pujança e fecundidade da

carnação vigorosa da cabocla sertaneja.

Hoje, amanheci pensando nestas ignoradas belezas do nosso interior e, confesso que tive desejos de despir-me das minhas sêdas e das minhas joias para presentear a uma dessas lindas Vênus morena dos nossos sertões!

\*\*\*

**Jornal A Notícia**  
**Data 14 de Fevereiro**  
**de 1931**

**Artigo: Carta**

**Autora: Mademoiselle**

**A.M. (anônima)**

Mademoiselle A.M. (a saltitante pierrette, das altas regiões do Pharol, escreveu-me a carta que aqui muito gostosamente transcrevemos:

João.

Viva a folia.

Viva a pyramodal orgia carnavalesca!

Os corações estão latindo, como dirá o nosso prezado Gregório Fontan, na sua bella lingua.

Ave! Momo!

Enfim chegaste com esplendor de tua côrte

Tu és, de facto, o deus da zombaria.

ÓTu és o frevo! És o imperador do riso. És o Prazer...

Allio-me ás tuas hastes  
contra o tédio encabrunhador...

Tu és, Momo, o  
coração...

E's a carne cheirosa,  
palpitando de crução!

Tu és o Amor que esto-  
teia, que engana, que illude,  
que mata e que perdoa.

Tu é a mocidade ruidosa,  
tu és, a dança, tu és o  
endiabrado Jazz!

E's a canção que acorda  
harmoniosamente os sentidos  
para a hora suprema invisível  
do beijo...

E's o sonho...

Tu só não és a Realidade  
que é o fim do poema!

A' frieza da satisfação!

Tu es o aneio, tu es o  
desejo ardente, suspirando no  
erotismo louco da folia...

Tu abres para todos nós,  
escancaradamente portas que  
dão ingresso apolicaptiaco de  
teus ruidosos dominios...

Tu fazes volver aos dias  
quentes da primavera da vida,  
os que já se vão em meio da  
jornada sob o peso de desega-  
nos!

Tu es a Vida!

E a vida é o aneio, es a  
dynamica, és o rithmo, de  
corações que se buscam e que  
aneiam pela delicia do encon-  
tro...

Momo, tu és Pierrot e  
Colombina!...

E neste gargalhar  
enorme cyclopico destes tres  
dias sem par, Momo, tu es o  
resumo soberbo da maxima  
ventiura!

Ave! Magestade...

João, a nossa mocidade  
está hoje todo illuminado á  
giorno!

Tu è esplendor!

A vida se resume num  
beijo vermelho de paixão.

Busquemos esta ventura,  
conjuguemos as nossas ancias,  
e entre os compassos binarios  
do tango... gozemos na loucura  
esfuziante do carná a nossa  
juventude crepitante de  
desejos.

Sonhemos a ventura do  
Amor...

A vida por mais longa  
que é um momento da eterni-  
dade indefinida do Tempo...  
aproveitemos o hydromel de  
todas as macias e suavissimas  
emoções...

João, tu es Pierrot e eu,  
ao som de tua bandana e dá  
canção que entoas, só, tenho o  
aneio que é os Helio de teu  
Amor..., fazendo, em todo meu  
ser a zona torrida e onde  
desabrocham viçosas e escar-  
lates as papoulas de minhas  
ancias...

Ave Momo!...

Pensas que isto é uma  
declaração a ti?<sup>6</sup>

Enganaste...

Sejamos amiguinhos...  
mas eu estou nesta exaltação  
tremenda apenas escrevendo o  
poema do fogo, de voluptia...  
que é a vida... em plena mocidade.

Tu es para mim o amiguinho apenas que não buscas em mim, senão a subtileza do meu idealismo voluptuoso...

Tu talvez não ainda não me conheças nesta eterna mascarada de todos os dias...

Tu, no entantanto, queres saber quem eu sou...

E eu direi na mais funda e enigmatica synthese que não decifrarás jamais.

(Sou Mulher!

(E tu, eu bem sei, es um homem que perpetua o pecado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. "A Caminho de Libertação" e os "Os Mitos"  
In: *O Segundo Sexo* (Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. pp. (179-309).
- BONFIM, Edilma Acioli. "A Produção Literária Feminina em Alagoas nos Anos 70 e 80: Catarse, Superação e Composição. In BRANDÃO, Izabel F. (org.) *Anais do I Seminário Alagoano Mulher & Literatura* Maceió: FAPEAL, 1995. pp. 11-22. (a sair).
- BRANCO, Lúcia Castello e Ruth Silviano Brandão. *A Mulher Escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial e LTC, 1989. pp. (17-172).
- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará (PROED, 1987.
- DUARTE, Constância Lima. "A Crítica Literária e os Estudos do Gênero" In: *Anais do I Seminário Alagoano "Mulher e Literatura"*. Maceió: FAPEAL/UFAL, 1995. (a sair).
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. "Traçadas por Estranha e Desconhecida Mão". In *Rev. TB*. Rio de Janeiro, 101: 11/20, abril/junho, 1990.
- FUNCK, Susana Bornéo. "Da Questão da Mulher Questão do Gênero" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994. pp. (17-22).
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. "A Historiografia Feminista: Algumas Questões de Fundo" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.) Florianópolis: UFSC, 1994. pp (453-463).
- LIMA, Nádia Regina de Barros. "Gênero: estar ou não nos currículos de graduação e pós-graduação em Letras. In BRANDÃO, Izabel F. (org.). *Anais do I Seminário Alagoano Mulher & Literatura* Maceió: FAPEAL, 1995. pp 2-10. (a sair)

- MUZART, Zahidé Lupinacci. "Artimanhas nas Entrelinhas: Leitura de Paratexto das Escritoras do Século XIX" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994. pp. (253-262).
- QUEIROZ, Vera Maria. "Feminino e Crítica" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994. pp. (33-44).
- SAMUEL, Rogel e outros. *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. "Da Ginolatria Genologia: Sobre a Função Teórica e a Prática Feminista" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994. pp. (271-277).
- WERNECK, Maria Helena. "O Feminino na Literatura". *Rev. TB*, Rio de Janeiro, 101: 123/138, abril-junho: 1990.
- WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. pp. (149).
- XAVIER, Elódia. "A Narrativa de Autoria Feminina" In: *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). Florianópolis: UFSC, 1994. pp. (271-277).